



NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CADERNO ESPAÇO FEMININO

Vozes-mulheres de Conceição Evaristo: Dando voz para a história das mulheres afro-brasileiras

Vozes-mulheres of Conceição Evaristo: Giving voice to the history of afro-brazilian women

Isabelle Maria Soares^(*)
Maria Fernanda dos Santos ^(**)
Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira^(***)

RESUMO

O artigo tem como principal objetivo perceber de que maneira as vozes das mulheres, negras e marginalizadas, antes silenciadas ou sufocadas, conseguem emergir na contemporaneidade para o espaço público. Para tanto, serão feitas algumas considerações a partir da análise do poema “Vozes-mulheres” de Conceição Evaristo.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo. Mulheres Afro-Brasileiras. Poema. Literatura Feminina.

ABSTRACT

The main objective of this article is to understand how the voices of women, black and marginalized, once silenced or suffocated, can emerge in contemporary times for public space. Therefore, some considerations will be made from the analysis of the poem "Vozes-mulheres" of Conceição Evaristo.

KEYWORDS: Conceição Evaristo. Afro-Brazilian Women. Poem. Female Literature.

Joan Scott (1995) defende que as desigualdades de poder social são constituídas com base em três dimensões: de gênero (como categoria analítica), de raça e de classe. Em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, ao fazer um apanhado histórico sobre os estudos feministas e de gênero, Scott enfatiza que as pesquisadoras feministas que

(*) Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). E-mail: isa_ms@hotmail.com

(**) Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: maria.fer.s@live.com.

(***) Professora da Universidade Estadual do Centro-oeste (UNICENTRO). E-mail: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br.

possuíam uma visão política mais global possuíam interesse por tais categorias, pois isso assinalava “o envolvimento do/a pesquisador/a com uma história que incluía as narrativas dos/as oprimidos/as” (SCOTT,1995, p. 73).

A partir dessa perspectiva, este artigo pretende articular reflexões acerca do papel das mulheres na história da sociedade brasileira representado na literatura de autoria feminina, principalmente, da mulher marginalizada por pressupostos raciais e também de classe. Elegeu-se a escritora brasileira Conceição Evaristo e seu poema “Vozes-mulheres” como objeto de análise com o fim de discutir e perceber na prática literária os pressupostos teóricos de gênero propostos por Joan Scott, Linda Nicholson e Judith Butler. Antes de entrar na discussão central, haverá introdução de um tópico no qual comenta-se brevemente acerca da função mnemônica do poema em análise, com o objetivo de denotar as memórias femininas entoadas pelas vozes do eu-lírico, e em seguida, aponta-se para a questão das mulheres marginalizadas.

Silvestri e Feldman, no artigo “‘Vozes-mulheres’ do terceiro mundo – a perspectiva de Conceição Evaristo” (2015), trazem uma breve biografia de Conceição Evaristo¹. Nessa breve biografia, tem-se a informação de que Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte em 1946 e mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1970, vivendo em favelas. De infância pobre e marginalizada, Conceição Evaristo sempre estudou em escolas públicas e ingressou na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no curso de Letras; em 1996, defendeu sua dissertação de mestrado com o tema: “Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade”, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Descendência pobre, negra, mulher: as dimensões de que fala Scott e que colocam Evaristo às margens. Sua história enquanto mulher afro-brasileira ecoa em sua produção literária, denotando uma preocupação com o “lugar” que as mulheres negras e pobres, assim como ela, ocupam na literatura e na história nacional. Dessa forma, Conceição Evaristo transita entre o meio acadêmico e a militância pelos direitos sociais das mulheres

¹ “Conceição Evaristo, professora, poetisa, ensaísta e militante é natural de Minas Gerais, reside no Rio de Janeiro desde 1973. Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.” In: *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*. Volume 17-A (dez. 2009) - ISSN 1678-2054 <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>

negras. Silvestri e Feldman (2015) ainda informam que Conceição Evaristo inicia a publicação de seus poemas nos *Cadernos Negros*, número 13, de 1990. Dentre as poesias que foram publicadas nesses “cadernos” está, entre elas, o objeto de análise deste artigo: “Vozes-mulheres”. A partir desse poema, e através da perspectiva de Estudos de Gênero, pretende-se perceber como na contemporaneidade é possível a mulher negra possuir voz para que se faça “[...]ouvir a ressonância/ o eco da vida-liberdade” (EVARISTO, 1990, p. 32).

A Literatura enquanto “lugar de memória”

Pierre Nora (1993) definiu “lugares de memória” como espaços que seriam criados com o objetivo de depositar lembranças e preservar memórias. O autor cita vários desses lugares, tais como museus, cemitérios, álbuns, monumentos. Nesse sentido, a literatura pode ser considerada também um lugar de memória. Perante tal perspectiva, cunha-se uma breve reflexão sobre a Literatura enquanto um espaço de manifestação das memórias marginalizadas. Antes, cita-se o poema que é o objeto de estudo deste artigo:

Vozes-mulheres

A voz da minha bisavó ecoou
criança nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si

as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem — o hoje — o
agora.
Na voz de minha filha
Se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade

(EVARISTO, 1990, p. 32)

É visível que o poema é marcado pela memória afro-brasileira que foi por muito tempo apagada pela memória e história oficiais² do Brasil. Alfredo Bosi afirma que é pela linguagem que se conserva a memória e que é pela memória que a ausência se faz presença e, portanto, “é a linguagem que permite conservar a imagem que cada geração tem das anteriores” (BOSI *apud* PALMEIRA, 2010, p. 8). Portanto, *Vozes-mulheres* pode ser entendido enquanto um objeto mnemônico que tem por principal objetivo não deixar morrer a história das gerações passadas de mulheres negras brasileiras, pois lembra que o presente e o futuro são consequências dela e, por isso, sugere uma constante busca por transformação. Aliás, o propósito da poesia de Evaristo é transformar, pois como afirma Hugo Friedrich:

Quando a poesia moderna se refere a conteúdos - das coisas e dos homens — não as trata descritivamente, nem com o calor de ver e sentir íntimos. Ela nos conduz ao âmbito do não familiar, torna-os estranhos, deforma-os. A poesia não quer ser mais medida em base ao que se chama realidade, mesmo se — como ponto de partida para sua liberdade — absorveu-a como resíduos [...] das três maneiras possíveis de comportamento da composição lírica - sentir, observar, transformar — esta última que domina na lírica moderna e, em verdade, tanto no que diz respeito ao mundo quanto à língua [...] (FRIEDRICH, 1978, p. 78 *apud* PALMEIRA, 2010, p. 10).

Uma memória marginalizada é despertada por um poema escrito por uma mulher negra brasileira. Elódia Xavier diz que “a Literatura de autoria feminina é uma resistência a ordem pela qual a escrita literária ficou restrita aos homens, excluindo as mulheres do cânone tradicional” (1991, p. 12). Portanto, a figura de uma mulher escritora que escreve sobre mulheres pode ser entendida enquanto alegoria para a transformação que a lírica moderna pretende. Ao trazer a memória em sua poesia, Conceição Evaristo mostra que sua escrita parte em busca da identidade da mulher afro-brasileira e luta

² Entende-se aqui por memória oficial e história oficial aquelas que perpetuam a ideologia do Estado, geralmente com concepções hegemônicas.

contra a ideologia que o poder hegemônico usa para tentar reproduzir toda uma história de marginalização dos negros brasileiros, pobres e do gênero feminino.

A voz das mulheres marginalizadas

Adriana Piscitelli (2002) faz um panorama de como a categoria mulher foi recriada durante os séculos. Um marco para o movimento feminista, segundo Piscitelli, ocorre no século XIX, no continente Europeu, na América do Norte e em outros países, com a reivindicação de “direitos iguais à cidadania”, que pressupunha também uma luta por igualdade entre os sexos, que fez com que as mulheres conseguissem romper com diversos paradigmas que deixavam-as à margem, a saber: direito ao voto, à propriedade e acesso à educação.

Piscitelli não tem por intuito apenas rememorar histórias conhecidas do movimento feminista, mas pretende questionar também acerca da subordinação da mulher. “Se a subordinação da mulher não é justa, nem natural, como se chegou a ela e como se mantém?” (PISCITELLI, 2002,p.2) A resposta de Piscitelli, e das correntes feministas, é de que existe subordinação da mulher, porém, ela não é algo natural, mas sim, construída socialmente. A autora defende que mudando-se a maneira com que as mulheres são percebidas, é possível modificar o espaço social que elas ocupam.

Por esse motivo, o pensamento feminista colocou reivindicações voltadas para a igualdade no exercício dos direitos, questionando, ao mesmo tempo, as raízes culturais destas desigualdades. As feministas trabalham em várias frentes: criaram um sujeito político coletivo – as mulheres – e tentaram viabilizar estratégias para acabar com a sua subordinação. Ao mesmo tempo procuraram ferramentas teóricas para explicar as causas originais dessa subordinação. (PISCITELLI, 2002, p. 2-3)

Tendo em vista a dominação masculina, ou seja, o fato de que as principais instituições da sociedade (o Estado, a igreja, a escola, o sindicato e, inclusive, a família) têm reproduzido e reafirmado o patriarcalismo durante a história, conforme informa Piscitelli, o pensamento feminista argumentou que a hegemonia masculina exclui da história, da política, das teorias, da literatura, etc., o ponto de vista feminino. E assim, “esses argumentos tiveram

consequências na produção científica” (PISCITELLI, 2002, p. 6). Ainda, segundo a autora, uma das consequências desses argumentos é a revisão das produções artísticas, teóricas e disciplinares, questionando como elas seriam diferentes caso levassem em consideração o ponto de vista feminino, e assim, antigos conceitos foram confrontados e repensados, adquirindo novos sentidos que abarcam as realidades femininas.

Os apontamentos de Joan Scott em seu artigo “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica” (1995), complementam as afirmações de Piscitelli, pois, para Scott, é preciso uma metodologia que, além de recriar uma nova história das mulheres, abarcaria as experiências das mulheres e delas dariam conta, na medida em que o gênero fosse pensado como uma categoria de análise. Além de pensar o gênero, implicaria também questões raciais e, assim, culminaria no “envolvimento do/a pesquisador/a com uma história que incluía as narrativas dos/as oprimidos/as” (SCOTT, 1995, p. 73).

Dessa maneira, verificando em Piscitelli e Scott que as mulheres mudaram conceitos por meio de questionamentos teóricos, pode-se entender que as mulheres só têm voz e rompem paradigmas a partir do momento em que são detentoras de conhecimento. Assim, a partir do poema de Conceição Evaristo, pretende-se analisar como essa autora passou do silenciamento aos holofotes do meio acadêmico por meio do conhecimento.

“Vozes-mulheres” sob a perspectiva dos Estudos de Gênero

Além da autoria feminina, o eu-lírico do poema em análise indica ser um sujeito feminino. Essa “mulher-lírica” fala em vozes: vozes femininas, vozes de mulheres ou - como intitulado no poema - “vozes-mulheres” que perpassam a história da mulher afro-brasileira. As três primeiras vozes descritas pelo eu-lírico (da bisavó, da avó, da mãe), que vivem no passado, como indica a utilização dos verbos no pretérito perfeito, rememoram a subordinação da mulher. Piscitelli (2002) diz que a maioria das correntes feministas defendem que “essa subordinação é decorrente das maneiras como a mulher é construída socialmente” (p. 8). Compreende-se, portanto, que

Gênero é, sobretudo, um conceito político, pois é uma ferramenta de transformação das relações sociais (NICHOLSON, 2000). Piscitelli ainda afirma que a subordinação feminina é entendida como universal, sofrendo variações em função dos diferentes contextos históricos e geográficos. Cada estrofe de *Vozes-mulheres*, principalmente as três primeiras, é capaz de exemplificar essas variações no decorrer da história.

A primeira estrofe, marcada pela voz da bisavó, refere-se ao início da escravidão dos negros³ no Brasil e lamenta por uma infância perdida no interior dos navios que transportavam os escravos, aliás, nos “porões” desses navios, denotando com tal substantivo, e de forma simbólica, a inferioridade perante a hegemonia da época. Ainda referente ao contexto escravocrata, a voz da avó, na segunda estrofe, se mostra submissa aos “brancos-donos de tudo”: assinala-se aqui que o “tudo” sugere que estes eram donos, inclusive, dos corpos dos escravos e escravas.

Uma das definições para Gênero por Joan Scott diz que este “é o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais” (SCOTT apud NICHOLSON, 2000, p. 2). Nesse sentido, a significação sobre os corpos no período escravista referia os corpos negros masculinos, de modo geral, ao trabalho mais pesado, enquanto os corpos femininos eram submetidos a diferentes obrigações, geralmente, responsáveis pelos serviços domésticos da casa-grande e “serviços sexuais” aos homens brancos das mais diferentes hierarquias. Abdias do Nascimento (1978) afirma que a mulher negra era totalmente explorada pelos escravocratas brancos, sendo que tinham “o costume de manter prostitutas negro-africanas como meio de renda” (NASCIMENTO, 1978, p. 61). Isso inclui o processo de miscigenação que, como afirma Nascimento (1978) foi um processo de exploração cruel sobre a mulher negra por parte dos homens brancos escravocratas. Em complemento, o autor afirma que “ainda nos dias de hoje, a mulher negra, por causa da sua condição de pobreza, ausência de *status* social, e total desamparo, continua a vítima fácil, vulnerável a qualquer agressão sexual do branco” (NASCIMENTO, 1978, p. 61). Isso dá consistência à ideia de que a história

³ Período da escravidão no Brasil: 1530-1888.

das mulheres se faz num processo de contraposição, pois Gênero é uma categoria relacional que deve ser analisada pelo viés da diferença, ou seja:

O termo “gênero” além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens [...]. Esse uso rejeita a validade interpretativa da ideia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo (SCOTT, 1995, p. 75).

Importa destacar ainda que nesse período havia submissão não somente por parte da mulher escrava, mas também das mulheres brancas. Aliás, não somente nesse período histórico e contexto geográfico, pois retomando Piscitelli, a subordinação feminina é um fato universal. Entende-se assim, a outra definição para Gênero por Scott: “é uma forma primária de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 88). Ou seja, independente da classe ou etnia, a mulher sempre foi posta em inferioridade em relação aos homens que estão sempre em busca de sua manutenção no poder, no qual eles são os dominadores sobre a construção dos papéis sociais e culturais das mulheres. Scott determina que há três posições teóricas para as abordagens de estudos de Gênero: a patriarcal, a marxista e a psicanalítica. Neste ponto, interessa a visão patriarcal, que está voltada para as questões de subordinação das mulheres aos homens. As teóricas do patriarcado têm “encontrado a explicação dessa subordinação na necessidade masculina de dominar as mulheres” (SCOTT, 1995, p. 77). Contudo, a crítica que se faz a essa teoria, é que tal se desenvolve apenas sobre as distinções físicas entre os sexos, concebendo as mulheres como se fossem todas iguais.

Lembrando que a subordinação feminina varia conforme os contextos, é preciso colocar que quando se estuda sobre a mulher e questões de gênero deve-se falar em “mulheres”, no plural. O título do poema “Vozes-mulheres”, no plural, revela uma ideia de coletividade, de multiplicidade de vozes, de várias mulheres (pobres, negras, marginalizadas, e principalmente enquanto condição de mulheres). Pode-se incluir aqui as discussões abarcadas por Judith Butler (1998). Para a autora, “qualquer esforço para dar conteúdo

universal ou específico à categoria mulheres [...] produzirá necessariamente facções e que a ‘identidade’ como ponto de partida jamais se sustenta como base sólida de um movimento político feminista” (BUTLER, 1998, p.24), ou seja, a categoria mulher não deve ser pensada como uma categoria universal, mas como uma categoria múltipla e

[...] um campo de diferenças indesignável, que não pode ser totalizado ou resumido por uma categoria de identidade descritiva, então o próprio termo se torna um lugar de permanente abertura e resignificação. [...] Desconstruir o sujeito do feminismo não é, portanto, censurar sua utilização, mas, ao contrário, liberar o termo num futuro de múltiplas significações, emancipá-lo das ontologias maternais ou racistas às quais esteve restrito e fazer dele um lugar onde significados não antecipados podem emergir. (BUTLER, 1998, p.25).

Nessa mesma perspectiva, Linda Nicholson (2000) corrobora com a ideia de Butler, de que a categoria mulher encontra problemas ao ser definida. A autora critica alguns ideais feministas defendidos antes da década de 70, que enfatizavam as diferenças apenas entre mulheres e homens, com base nas diferenças entre os sexos⁴, e levavam a entender que as mulheres eram todas iguais. Assim, ela refere que “não é de surpreender que a guinada ginocêntrica dos anos 70 logo se transformou nos protestos de mulheres negras, lésbicas e das classes trabalhadoras, que não viam suas experiências refletidas nas histórias contadas” (NICHOLSON, 2000, p. 20). Dessa forma, compreendendo que há diferenças dentro da categoria “mulheres”, Nicholson propõe uma substituição de propostas sobre mulheres em sociedades patriarcais “por propostas sobre mulheres em contextos específicos” (NICHOLSON, 2000, p. 26). Em complemento, cita-se Scott que refere que Gênero não é o único meio pelo qual o poder se articula. Desse modo, não há somente diferenças dentro do gênero feminino, há também uma possível hierarquização entre as mulheres, o que indica que é preciso incluir questões de raça e classe, que já foram brevemente mencionadas no parágrafo introdutório deste artigo.

⁴ O termo aqui refere-se ao sexo biológico: fêmea, intersexual, macho. No contexto deste artigo refere-se mais propriamente aos sexos num sentido binário macho-fêmea.

Para se opor a essa ideia que a política feminista reforça que o termo “mulher” deve ter um significado definido, Nicholson recorre à Ludwig Wittgenstein com suas discussões sobre a linguagem:

[...] pensemos no sentido de ‘mulher’ do mesmo jeito que Wittgenstein sugeriu pensarmos o sentido de ‘jogo’, [...] cujo sentido não é encontrado através da elucidação de uma característica específica, mas através da elaboração de uma complexa rede de características. (NICHOLSON, 2000, p.27).

Desse modo, Nicholson sugere que se pense o termo “mulher” como um mapa capaz de mostrar semelhanças e diferenças, tendo em vista que esse termo varia diante de cada realidade: da realidade da mulher branca, da mulher negra, da mulher rica, da mulher pobre, etc. Portanto, essas definições “[...] surgem de nossos lugares na história e na cultura; são atos políticos que refletem os contextos dos quais nós emergimos e os futuros que gostaríamos de ver” (NICHOLSON, 2000, p.30).

Voltando ao poema, na terceira estrofe, a “mulher-lírica” fala da voz de sua mãe, que mostra uma certa reprodução de seu passado histórico, pois esta enquanto mulher afro-brasileira ainda é submissa aos brancos. Há um primeiro murmúrio de resistência quando sua voz “ecoou baixinho revolta/no fundo das cozinhas alheias/debaixo das trouxas/roupagens sujas dos brancos” (EVARISTO, 1990, p. 32). Mesmo não estando mais sujeita a um regime escravista, essa mulher afro-brasileira, em “liberdade”, possui a necessidade de servir ao poder hegemônico para sobreviver a pobreza. Essa estrofe indica que a mãe trabalhava como empregada doméstica na casa de brancos, trabalho que não lhe garantia escapar da pobreza, demonstrando como sua realidade é consequente da história de suas antepassadas. Será realmente livre? Aqui vê-se, também, mais um exemplo de como há diferentes formas de ser mulher: à mulher afrodescendente, geralmente cabe o papel de servir de empregada, à mulher branca, mesmo submissa ao seu marido, cabe o papel de chefiar os serviços da empregada. Contudo, a voz-mãe, ciente de sua condição de submissão determinada pela hegemonia, já demonstra revolta, mesmo que de forma totalmente resguardada.

Na quarta estrofe, a “mulher-lírica” fala na própria voz. Ao final desse percurso de resgate da ancestralidade em que geração após geração tiveram

suas vozes silenciadas, o eu-lírico encontra uma maneira de expressar sua dor e resistência por meio da poesia: “A minha voz ainda/ ecoa versos perplexos/ com rimas de sangue/ e/ fome/” (EVARISTO, 1990, p. 32). É nítido que a voz do eu-lírico resguarda uma pluralidade de memórias, dores e vozes, tornando-se assim, um poema escrito com o sangue de todas as mulheres negras que foram silenciadas, oprimidas, escravizadas e assassinadas. E que ecoa a fome (física, moral e social) que elas ainda sofrem devido a marginalização de seu gênero e sua raça. Destaca-se o advérbio “ainda” que interpreta-se aqui de duas maneiras: pode se referir ao fato de que a história de subordinação e violência das mulheres negras “ainda” persiste, ou/e, pode significar a resistência de que as mulheres, em geral, principalmente as afrodescendentes, têm buscado, e, por isso, a voz da “mulher-lírica” que vive num tempo presente “ainda” possui forças para ecoar “versos perplexos” que rimam com “sangue e fome”, duas palavras que simbolizam a violência que as mulheres sofrem, de modo geral, e as condições de pobreza e miséria, que geralmente estão destinadas às mulheres negras.

Todas as vozes de que fala o eu-lírico, que são vozes individuais de diferentes gerações de mulheres, em conjunto, protestam pela mulher negra brasileira. Ou seja, são vozes que formam uma única voz: “A voz da minha bisavó”, “de minha avó”, “de minha mãe”, “minha voz”, “de minha filha”, todas se unem para serem ouvidas através da voz da mulher afro-brasileira contemporânea, como se confirma na última estrofe do poema quando a “mulher-lírica” diz que “a voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes” para não deixar silenciar o passado onde permanecem as vozes caladas de suas ancestrais e para lutar pela transformação de sua história no presente e no futuro. Nesses versos, é possível reconhecer a relação de coletividade e ancestralidade nas vozes de cada uma delas.

Merece destaque os versos que dizem que a voz-filha “recolhem si / a fala e o ato”. Aqui há um sujeito totalmente consciente de sua história enquanto mulher e enquanto afro-brasileira. Aliás, não somente a sujeito-filha, mas a própria “mulher-lírica” que mostra a sua necessidade de falar de si, que inclui também a história de sua genealogia. Ao dizer que a voz-filha recolhe “a fala e o ato” - que simbolizam a teoria e a prática -, enfatiza que

essa não possui somente o saber, mas também o poder sobre si, poder que propõe agir contra toda uma história de dominação hegemônica. Como afirma Michel Foucault, só quem tem o saber é capaz de exercer algum tipo de poder (FOUCAULT *apud* DELEUZE, 2005). Isso mostra como é importante que as mulheres tomem conhecimento que seus papéis sociais estão sendo dominados e determinados pela hegemonia para que possam e se sintam incitadas a transformarem essa realidade em busca de igualdade de Gênero. Importa lembrar que no caso das mulheres afro-brasileiras, a luta não concerne somente sobre questões de Gênero, mas também de raça e conseqüentemente de classe. Pois suas vozes não são ou serão apenas fala, mas atos, ou seja, a oportunidade de serem ouvidas, reconhecidas, como ecos de liberdade.

Considerações finais

Ao se traçar esse percurso, é possível notar que é por meio do conhecimento que a mulher efetiva seu poder. Exemplo: a primeira resistência à opressão que não ficou silenciada, e nem apenas tornou-se um lamento sufocado, foi possível a partir do momento em que o eu-lírico escreve poemas.

Se no decorrer da história a mulher foi vítima de sexismo, a mulher negra foi vítima de sexismo e racismo. Ao fazer a leitura do poema “Vozes-mulheres”, o presente artigo demonstrou como a produção literária de Conceição Evaristo é capaz de fazer denúncias sobre essa violência através da memória. Revivendo todo um passado histórico, a “mulher-lírica” do poema analisado denota, de certa forma, que este deve ser constantemente lembrado no tempo presente para que se possa ter a consciência de que é preciso mudar, pois “alterando as maneiras como as mulheres são percebidas seria possível mudar o espaço social por elas ocupado” (PISCITELLI, 2002, p. 8). Aliás, destaca-se que é preciso transformar a visão que se tem sobre as mulheres no contexto social, levando em conta também os múltiplos modos de “ser mulher”.

Refere-se, assim, os apontamentos de Silvestri e Feldman (2015) que afirmam que Evaristo rompe com sua condição de “subalterna” e consegue discutir a partir de uma perspectiva privilegiada, ou seja, “a da mulher intelectual que não nega sua ascendência de mulher negra e pobre, mas que denuncia explorações e discute sua própria coletividade e os problemas vivenciados por ela” (SILVESTRI, FELDMAN, 2015, p. 108- 109). Dessa forma, Conceição Evaristo retoma, em “Vozes-mulheres”, vozes oprimidas e silenciadas para ressignificá-las, pois, ao abordar identidades minoritárias está relatando as suas próprias vivências.

É possível traçar, portanto, uma relação com a própria experiência de Conceição Evaristo, ou seja, nota-se por meio do poema analisado a sua “escrevivência”, termo criado pela própria autora. Em “‘Escrevivência’ em *Becos da memória*, de Conceição Evaristo” (2009), Luiz Henrique Silva de Oliveira traz explicações acerca do termo “escrevivência”, sendo ela composta por três elementos: “[...] corpo, condição e experiência.” (OLIVEIRA, 2009, p. 622).

Assim, pode-se pensar o poema “Vozes-mulheres” como uma “escrevivência” de Conceição Evaristo posto que há a presença desse três elementos: o corpo feminino, na condição de marginalizado enquanto sua raça e seu gênero, e a experiência de Conceição Evaristo enquanto mulher, negra, e pobre, portanto, três vezes oprimida. Mas é essa mesma experiência que traz à tona as lutas e as conquistas de Conceição Evaristo. Mulher, negra, pobre e marginalizada, que conseguiu voz por meio de seus estudos e da sua literatura.

Referências

BUTLER, Judith. Fundamentos Contingentes: O Feminismo e a questão do “Pós-Modernismo”. *Revista Cadernos Pagu*. Campinas, n. 11, p. 11-42. 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/863445> Acesso em: 28 set. 2017.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

EVARISTO, Conceição. *Vozes-mulheres*. In: *Cadernos Negros* 13. São Paulo: Quilombhoje, 1990. p. 32-33.

NASCIMENTO, Abdias. Exploração sexual da mulher africana. In:_. *O Genocídio do Negro Brasileiro*. Processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 61-64

NICHOLSON, Linda. Interpretando o Gênero. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, vol. 8, n 2. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917> Acesso em: 25 set. 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. São Paulo, vol. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> Acesso em: 05 jan. 2018.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “Escrivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, vol. 17, n 2. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000200019 Acesso em: 28 set. 2017.

PALMEIRA, Francineide Santos. Poesia e memória na produção feminina dos Cadernos Negros. *Revista Digital Inventário*. PPGL/UFBA, 7ª ed. 2010. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/07/PoesiaEMemoria.pdf> Acesso em: 27 set. 2017.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. M. (Org.) *A prática feminista e o conceito de gênero*. Textos Didáticos, nº 48. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002. p. 7-42

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n 2, p. 71-99. 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> Acesso em: 27 set. 2017.

SILVESTRI, Nelci Alves Coelho; FELDMAN, Alba Krishna Topan. “Vozes-mulheres” do terceiro mundo - a perspectiva de Conceição Evaristo. *Revista Anuário de Literatura*. vol. 20, n. 1. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2015v20n1p96> Acesso em: 19 dez. 2017

XAVIER, Elódia (Org.). *Tudo no Feminino: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

Texto recebido em: 28/02/2018

Texto aprovado em: 20/06/2018